

# TABULEIRO DE LETRAS

## Os usos funcionais do verbo “dar”: Um caso de gramaticalização?

### The functional uses of verb "dar": a grammaticalization case

Nahendi Almeida Mota<sup>1</sup>  
Gessilene Silveira Kanthack<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar os usos funcionais do verbo “dar”, a partir de um *corpus* constituído de textos de opinião veiculados na revista *Veja*, durante os meses de dezembro/2014 e de janeiro/2015, com o intuito de verificar se os usos que os falantes fazem desse verbo apontam para um caso de gramaticalização, um fenômeno por meio do qual itens lexicais adquirem, em determinados contextos, funções gramaticais ou itens já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Analisamos as funções desempenhadas por tal verbo, se prototípica (conforme preconizado, normalmente, nas gramáticas normativas e dicionários de língua portuguesa) ou gramaticalizada, usando, para tanto, pressupostos de autores como Neves (2001), Gonçalves et al. (2007), Esteves (2008), entre outros.

**Palavras-chave:** Verbo *dar*; Usos; Funções; Gramaticalização.

**ABSTRACT:** In this article, we present the results of a research carried out with the purpose of investigating the functional uses of the verb “to give” (*dar* in Portuguese) from a corpus of opinion essays published in *Veja* magazine (December/2014 and January/2015 issues) in order to verify if Brazilian Portuguese speakers use said verb in a way that points to a grammaticalization case, a phenomenon through which lexical items acquire – in some contexts – grammatical functions or items that are already grammatical become even more grammatical (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). We analyzed the functions of such verb – either prototypical (according to most of the Brazilian Portuguese normative grammars and dictionaries) or grammaticalized – based on postulates by authors such as Neves (2001), Gonçalves et al. (2007), Esteves (2008) and a few others.

**Keywords:** Verb “to give” (*dar* in Portuguese); Uses; Functions; Grammaticalization.

## Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou as funções assumidas pelo verbo “dar” – se prototípica ou gramaticalizada –, no intuito de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. nahendi@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, Professora do Mestrado Acadêmico e do PROFLETRAS, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. gskanthack@yahoo.com.br

averiguar se os seus usos funcionais apontam para uma situação de gramaticalização, um tipo de mudança em que itens ou construções lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Trata-se de um fenômeno que, segundo Gonçalves et al. (2007, p.15), é “um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral”, pois o falante recorre a recursos já existentes na língua, dando-lhes novas roupagens, isto é, atribuindo-lhes novas funções.

O interesse pela pesquisa surgiu por observarmos que as gramáticas de orientação normativa, assim como os dicionários de língua portuguesa, geralmente se restringem a delimitar os verbos em transitivos, intransitivos ou bitransitivos, regulares ou irregulares etc., não considerando o uso real que os falantes fazem deles em suas práticas comunicativas. É o caso, por exemplo, do verbo “dar”, classificado, normalmente, como bitransitivo e irregular, com noção transferencial. No entendimento de que a língua não é uma entidade autônoma e que sua gramática “se forma a partir dos usos que os falantes fazem dos recursos verbais que estão a sua disposição no sistema” (BAGNO, 2013, p. 164), acreditamos que o verbo “dar” seja usado efetivamente com funções que vão além daquelas estabelecidas tradicionalmente.

Para fins práticos, o presente artigo está assim estruturado. Na primeira parte, expomos alguns pressupostos acerca do Funcionalismo, corrente linguística adotada nesta pesquisa, assim como da gramaticalização, um dos fenômenos estudados sob o viés funcionalista. Na segunda, apresentamos os resultados efetivos da pesquisa, demonstrando o *continuum* de gramaticalização por qual passa o verbo “dar”. Na terceira, procuramos relacionar gramaticalização e ensino de língua portuguesa nas escolas, usando anúncios e tirinhas como ilustração dessa tentativa. Por fim, expomos as nossas considerações finais e as referências.

### Funcionalismo e gramaticalização: pressupostos básicos

Por muito tempo, os estudos linguísticos foram influenciados pela concepção de que a língua corresponde a uma estrutura, um sistema de signos linguísticos que obedece a princípios de funcionamento. Com esse pressuposto, não era possível dar conta, efetivamente, dos processos de mudança linguística, isso porque compreendê-los significa recorrer não à entidade abstrata, a língua, mas, sim, à entidade concreta, a fala, elemento este que passou a

ser o objeto da corrente denominada funcionalismo, que, segundo Cunha (2008, p. 157), “em oposição ao estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Nessa perspectiva, o objetivo básico é compreender a língua a partir de situações concretas, pois um dos pressupostos é que a motivação para os fatos da língua deve ser explicada em função das situações comunicativas, envolvendo interlocutores, suas intenções e os contextos discursivos.

A corrente funcionalista, segundo Cunha e Souza (2007), considera a língua um fenômeno social, um instrumento de comunicação o qual se adapta a diversas situações comunicativas. Por isso, interessa a essa corrente observar o uso interativo da língua e, assim, analisar suas regularidades, examinando as condições discursivas que as influenciam. Vale ressaltar que

[esses estudos] ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Um dos pressupostos centrais do funcionalismo é que o contexto de uso motiva as diferentes construções sintáticas. Sendo assim, a estrutura da língua só pode ser explicada levando-se em conta a comunicação na situação social (CUNHA; SOUZA, 2007, p. 15).

Desse modo, por dedicar-se a contextos reais de comunicação, estudiosos que adotam a perspectiva funcionalista evitam lidar com frases inventadas, trabalhando, assim, com dados de escrita ou fala retirados de situações concretas de interação comunicativa, já que estão interessados na língua e em seu meio de uso. Ainda a respeito da visão funcionalista, Neves (2001, p. 15) salienta que “[...] o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória”.

É nesse processo interacional entre os falantes e a língua que as mudanças linguísticas ocorrem. Compreendê-las é um dos objetivos da chamada Gramática Funcional, uma vertente teórica da corrente funcionalista que explica as mudanças por meio da chamada *gramaticalização*, definida como um processo em que itens lexicais adquirem funções gramaticais ou itens já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Ao estudioso Meillet (1912 apud GONÇALVES et al. 2007) é atribuído o primeiro uso do termo *gramaticalização*, referindo-se à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (p. 19-

20). Nessa mesma linha, porém, de maneira mais expandida, tem-se a definição consentida por Heine et al. (1991a apud GONÇALVES et al. 2007): “[a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, i.e., de um formante derivacional para um formante flexional” (p. 22).

Podemos ilustrar esse tipo de mudança com o verbo “dar”, objeto também da pesquisa de Esteves (2008), que investigou sua frequência em construções dar+SN e a alternância entre algumas dessas construções e verbos plenos de sentido equivalentes. Os exemplos abaixo são da própria autora:

- a) ‘Assim, que [eu **dei** o copo d’água pra ela], ela resolveu contar tudo’. (p. 112).
- b) ‘Passando-se por vulto cultural, o candidato copiou e falou da enciclopédia gratuita “online”, e sem qualquer referência, artigos sobre Torga, Antonioni ou Bergman. [Pelo menos, ele **deu** cultura ao povo]’. (p. 115).
- c) ‘(...) [ele (...) **deu banana** à torcida]. Disse não estar nem aí. Desse jeito, ficará mesmo sem lugar para estar. Seja aí, ali, ou acolá’. (p. 123).

Em (a), o verbo “dar” apresenta-se em sua função prototípica. Nessa construção, ele é um verbo pleno, autônomo e manifesta comportamento lexical, além de seu significado ser mais concreto e vincular a noção de transferência. Já em (b) e (c), o verbo “dar” comporta-se de forma não-autônoma. Em (b), ele ainda apresenta noção transferencial, todavia, por já apresentar extensão de sentido, essa transferência passa a ser metafórica, pois o seu SN é [+abstrato]. Já em (c), o verbo “dar” apresenta-se completamente gramaticalizado, pois ele está exercendo papel instrumental na formação de predicados complexos, além de estar semanticamente esvaziado, constituindo uma estrutura semi-lexicalizada (ESTEVES, 2008).

Para dar conta desses valores assumidos pelo verbo “dar”, é preciso, portanto, compreender a linguagem enquanto instrumento de interação social entre os indivíduos, em que as expressões ou estruturas linguísticas não podem ser interpretadas como objetos formais, mas como resultantes das práticas efetivas de comunicação. Pensando nisso, desenvolvemos a nossa pesquisa, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

## Desvendando o Comportamento do Verbo “dar” em Textos de Opinião

### O *corpus* e os dados

Nesta pesquisa, o verbo “dar” teve seu comportamento sintático-semântico analisado a partir de um levantamento feito em textos de opinião publicados na revista *Veja*, meses de Dezembro/2014 e Janeiro/2015, totalizando 16 (dezesesseis) textos. Escolhemos esse *corpus* por nele estar presente o uso concreto da língua, fazendo jus a um dos pressupostos defendidos pela vertente teórica que adotamos.

A propósito do verbo “dar”, ele é definido, comumente pelas gramáticas tradicionais, como pleno, transitivo, que seleciona dois objetos (direto e indireto), apresentando comportamento lexical e, também, noção transferencial. Todavia, em situações concretas de comunicação, nem sempre ele é usado como núcleo da predicação, como verbo transitivo. Ele tem sido usado cada vez mais com valor gramatical, indicando uma noção transferencial e metafórica, devido à sua extensão de sentido.

Assim como Esteves (2008), em nossa análise também verificamos que o verbo “dar” pode pertencer a diferentes categorias que compõem uma cadeia de gramaticalização. Essas categorias são: *verbo predicador pleno*, *verbo predicador não pleno*, *verbo predicador a verbo-suporte* e *verbo-suporte*, que podem variar em sua extensão semântica, indicando noção transferencial metafórica ou não.

O *verbo predicador pleno* é apresentado pelas gramáticas tradicionais como o núcleo da predicação, responsável por arquitetar argumentos e conferir-lhes papel temático. Ademais, ele apresenta comportamento lexical ligado à sua noção transferencial de traço [+concreto]. Para ilustrar essa função, apresentamos (1):

- (1) ‘[...] obtive do Congresso, em troca do compromisso de **[dar]** dinheiro público aos parlamentares], uma licença para desrespeitar a lei’ (verbo predicador pleno). (JRG 2404).

Nesse exemplo, o verbo “dar” apresenta tanto o objeto direto (dinheiro) quanto o objeto indireto (aos parlamentares), cumprindo a sua função de verbo predicador pleno,

bitransitivo, além de sua noção transferencial ser [+concreta], atendendo, dessa forma, ao que é preconizado, comumente, nas gramáticas normativas.

Quanto ao *verbo predicador não pleno*, ele é sintaticamente igual ao anterior, porém, semanticamente apresenta extensão de sentido, fazendo com que a sua noção transferencial passe a ser metafórica, portanto [+abstrata], além de poder, também, apresentar um valor não-transferencial. Ele se divide em três subcategorias: (1) *transferência metafórica de menor grau*, (2) *transferência metafórica de maior grau* e (3) *valor não transferencial*.

A primeira subcategoria caracteriza-se como de menor grau por apresentar um objeto com valor [+concreto] e a transferência metafórica [+abstrata], como exemplificada em (2):

- (2) ‘[**Dá**-me, Senhor, uma tripulação competente], com alta perícia, que me tire destas dificuldades e aflições [...]’ (verbo predicador não pleno – noção transferencial de menor grau). (LL 2402).

Como se pode notar, o objeto direto (tripulação competente) tem valor [+concreto], todavia, a noção transferencial é metafórica [+abstrata], pois não é possível “dar”, no sentido prototípico do verbo, uma tripulação a alguém. Contudo, mesmo tendo sua função semântica diferente da categoria anterior, sintaticamente a oração se estrutura da mesma forma: o verbo está acompanhado de um objeto direto (tripulação competente) e de um objeto indireto (me).

Já a subcategoria de maior grau apresenta o valor do objeto e a transferência metafórica [+abstratos], como pode ser observado em (3):

- (3) ‘Uma vez encadeados os fatos, a narrativa ‘[**dá** um conteúdo ao tempo]’, ‘enche-o de uma forma decente’, ‘assinala-o’, e faz com que ‘tenha algum valor próprio’ (verbo predicador não pleno – noção transferencial de maior grau). (RPT 2406).

Nesse caso, o verbo “dar” tem um objeto direto (um conteúdo) e um objeto indireto (ao tempo) de valor semântico [+abstrato], sendo a sua noção transferencial também [+abstrata]. Essa subcategoria encontra-se ainda mais distante semanticamente da função prototípica do que a anterior, todavia, sintaticamente, elas ainda são semelhantes.

Quanto à terceira subcategoria do *verbo predicador não pleno*, a de *valor não-transferencial*, ela é diferente das outras por não apresentar, sequer, uma noção mínima de

transferência, podendo denotar marcação de tempo, causalidade etc., além de poder ser substituído por um verbo pleno. No fragmento em (4) temos esse tipo de verbo ilustrado:

- (4) ‘Senhor, neste mar indeciso e muitas vezes encapelado em que estou perdida, [dá-me alguma certeza] de que existe uma rota firme e fixa, de que o projeto correto é possível e que no fim desse nevoeiro me espera uma luz positiva’ (verbo predicador não pleno – valor não-transferencial). (LL 2402).

Sintaticamente, essa subcategoria também é semelhante à primeira categoria apresentada no *continuum* de gramaticalização do verbo “dar”, porém semanticamente ela já se encontra bem distante, pois, mesmo exigindo um objeto direto (alguma certeza) e um objeto indireto (me), ele não exprime nenhuma noção transferencial, afinal, não há, ao pronunciar essa oração, a intenção de receber algo [+concreto] de alguém.

A penúltima categoria do *continuum* de gramaticalização é o *verbo predicador a verbo-suporte*, uma categoria híbrida, pois apresenta características tanto de verbo fonte (verbo pleno) quanto de verbo alvo (verbo-suporte), sendo definido, portanto, como pertencente à categoria intermediária (léxico-gramatical). O caso em (5) ilustra essa função:

- (5) ‘[...] a começar pelo fato de que não pode ficar, como o companheiro espanhol, mais de quarenta anos no governo, o que [lhe **daría** o equivalente a dez mandatos] seguidos na Presidência da República’ (verbo predicador a verbo-suporte). (JRG 2402).

Nesse exemplo, o verbo “dar” não manifesta nenhum grau de noção transferencial, porém apresenta objeto direto e indireto, como é notado na sua função prototípica, evidenciando, assim, características prototípicas e gramaticalizadas.

A última categoria do *continuum* de gramaticalização é o *verbo-suporte*. Ele é esvaziado semanticamente e se divide em duas subcategorias: verbo-suporte com *valor transferencial* e verbo-suporte com *valor genérico de ação*. O primeiro retém algum grau de transferência, ainda que bastante metafórico, pois retrata a presença de um destinatário, todavia, o valor semântico se dá por meio da junção entre o verbo e o SN, como ilustra (6):

- (6) ‘Na vida real, os governos federal e estaduais anunciarão obras de **[dar água na boca]** às empreiteiras’ (verbo-suporte com valor transferencial). (RPT 2405).

A expressão semi-lexicalizada “dar água na boca” exemplifica o uso do verbo “dar” como verbo-suporte devido ao seu esvaziamento semântico dentro da sentença, pois, mesmo externando uma noção transferencial [-abstrata], não é possível averiguar o seu significado externo à oração.

A segunda subcategoria, verbo-suporte com *valor genérico de ação*, geralmente, compõe uma expressão semi-lexicalizada e o grau de incorporação de elementos na construção é pequeno ou inexistente, devido à sua estrutura fixa. Para ilustrar, temos o exemplo (7):

- (7) ‘Até hoje esse método **[dá certo]**, seja com o futuro pedreiro, seja com o doutorando’ (verbo-suporte com valor genérico de ação). (CMC 2403).

Em “dá certo”, o verbo “dar” não apresenta natureza metafórica e o grau de incorporação de elementos na sentença é muito pequeno, pois é possível inserir advérbios de intensidade entre o verbo e o SN, como “muito” (dá muito certo) ou “pouco” (dá pouco certo), porém essa incorporação é restrita a poucas palavras, tornando-a, assim, uma sentença semi-lexicalizada, devido à impossibilidade de se compreender um dos termos somente por meio de seus significados substanciais; afinal, pode-se entender “certo” como “bem”, mas não é possível compreender o sentido do verbo “dar” sem o seu complemento.

Com esses usos, percebemos que o verbo “dar”, diferentemente da descrição apresentada pelas gramáticas normativas, exerce funções variadas. Tendo ilustrado isso, demonstraremos os resultados quantitativos na próxima seção, pois com eles visualizaremos as frequências de usos de cada uma das funções.

Eis os resultados obtidos...

Do levantamento feito, obtivemos os seguintes resultados:

Verbo predicador pleno (transf. concreta)		Verbo predicador não pleno (transf. metafórica)				Verbo predicador não pleno (valores não-transferenciais)		Verbo predicador a verbo suporte				Verbo-suporte			
		(Menor grau)		(Maior grau)				Valor transf.		Valor não-transf.		Valor transf.		Valor genérico de ação	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
1	3,7	6	22,2	3	11,1	2	7,4	-	-	2	7,4	4	14,8	9	33,4

**Quadro 1:** Cômputo geral das funções do verbo “dar”

**Fonte:** Elaboração própria (2015)

Como vemos, o verbo “dar” foi mais recorrente em sua função totalmente gramaticalizada, ou seja, como verbo-suporte (33,4%), seguido da primeira categoria que apresenta extensão semântica, a de verbo predicador não pleno, com noção transferencial metafórica de menor grau (22,2%). Ademais, vale destacar a ocorrência mínima do verbo em sua função prototípica, a de verbo predicador pleno (3,7%). Novamente, ilustramos as duas situações mais recorrentes em nosso *corpus*: verbo-suporte e verbo predicador não pleno, respectivamente:

- (8) ‘Obviamente, isso **[dá trabalho]**: há que buscar remédios miraculosos, próteses, mandar recauchutar o coração, [...]’ (verbo-suporte). (CMC 2407).
- (9) ‘**[Dá-me, Senhor, águas limpas]** para navegar, pois nestas em que agora navego boiam sujeira e até cadáveres que se prendem na minha quilha ou impedem a hélice de funcionar’. (verbo predicador não pleno de noção transferencial de menor grau). (LL 2402).

No exemplo (8), o verbo “dar” encontra-se totalmente esvaziado semanticamente, além de fazer parte de uma estrutura semi-lexicalizada – aquela em que não é possível compreender o sentido de um dos termos somente pelo conhecimento do significado literal – e com um baixo grau de incorporação de elementos menos determinantes (artigos indefinidos, por exemplo) ou modificadores (como advérbios). Já no exemplo (9), podemos dizer que,

sintaticamente, ele é bastante similar ao verbo predicador pleno, todavia semanticamente sua noção transferencial é metafórica, ou seja, com traço [+abstrato], mesmo que seu sintagma nominal seja [+concreto].

Com os resultados obtidos, confirmamos as hipóteses levantadas: de que o verbo “dar” ocorreria com valores variados e que seria mais usada a função gramaticalizada, de verbo-suporte, corroborando, assim, os resultados de Esteves (2008).

## Gramaticalização e Ensino

Apesar dos avanços dos estudos linguísticos, o ensino de língua portuguesa nas escolas tem sido pautado, geralmente, nas descrições de orientação normativa. Com isso, os alunos, muitas vezes, não conseguem compreender qual é o sentido das aulas e passam a repudiar a disciplina. Acreditamos que, para mudar essa realidade e dar às aulas uma verdadeira razão, seja necessário mostrar aos alunos a sua língua materna como ela realmente é: dinâmica, mutável e social.

Para isso, há necessidade de o professor de língua portuguesa inserir, em suas práticas, o trabalho de análise e reflexão do uso da língua, objetivando desenvolver a competência linguístico-comunicativa. Uma dessas possibilidades inclui as atividades de análises linguísticas. Acerca disso, Geraldi et al. (1999) afirmam:

A análise linguística inclui tanto trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto [...]. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina (p. 74).

Tornar a análise linguística uma prática recorrente nas aulas de língua portuguesa é uma maneira de tentar interligar o ensino das normas prescritas pela gramática normativa com o uso real que os falantes fazem da língua. Como se pode notar, não estamos defendendo a exclusão desse tipo de gramática. Entendemos que ela deve ser o parâmetro norteador para as reflexões que podem ser feitas a respeito dos usos linguísticos.

No caso de nosso objeto de pesquisa, é necessário apresentar dados reais de construções com o verbo em sua função tanto prototípica quanto gramaticalizada, para

mostrar aos alunos que esse verbo exerce também outras funções além daquela prevista tradicionalmente, a de verbo predicador pleno, (bi)transitivo, com noção transferencial [+concreta]. Pode inclusive explicar as características que fazem o verbo “dar” se inserir num *continuum* de gramaticalização.

Para isso, uma das possibilidades é usar tirinhas e anúncios, em que o verbo “dar” encontra-se exercendo tanto sua função prototípica quanto a sua função gramaticalizada. Vejamos, primeiro, alguns anúncios:



**Figura 1:** Propaganda da *Havaianas*

**Fonte:** <http://www.sotitulos.com.br/tag/rynaldo-gondim>



**Figura 2:** Propaganda da *Mercedes-Benz*

**Fonte:** <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/02/anuncio-explora-voltinha-de-juiz-com-carro-de-eike-batista.html>)

Por meio de anúncios como esses é possível mostrar aos alunos a multifuncionalidade do verbo “dar”. No anúncio (1), ele encontra-se completamente gramaticalizado (verbo-suporte) e faz parte de uma estrutura lexicalizada, pois, ao analisá-lo fora do contexto, é impossível compreender o seu sentido. Já no anúncio (2), ele ainda apresenta uma noção transferencial, porém, com valor [+metafórico].

As tirinhas, gênero textual muito evidente em provas de concurso e do ENEM, assim como em vestibulares de todo o Brasil, também são fontes que podem ser utilizadas para abordar as funções do verbo “dar”, como é possível notar nas situações abaixo:



**Figura 3:** Tirinha - Turma da Mônica – Anjinho e Cebolinha

**Fonte:** <http://www.scoop.it/t/a-arte-da-literatura/?tag=Mauricio+de+Sousa>



Mais imagens legais em [kdimagens.com](http://kdimagens.com)!

**Figura 4:** Tirinha - Calvin e Haroldo

**Fonte:** <http://kdimagens.com/imagem/aprendendo-a-dar-valor-ao-dinheiro-938>)

Na tirinha (1), o verbo “dar” apresenta-se inserido em uma sentença semi-lexicalizada, na qual o seu sentido somente será compreendido dentro da oração; portanto ele assume uma

função gramaticalizada. Já na tirinha (2), o verbo “dar” é usado com sua função prototípica de verbo bitransitivo, na qual o objeto direto é “uma mesada” e o indireto é o pronome oblíquo “te”.

Por meio de anúncios e tirinhas como os supramencionados, podemos mostrar aos alunos o caráter multifuncional, por exemplo, de um verbo como “dar”, que, assim como outros, assumem funções além daquelas previstas tradicionalmente. Reconhecer que as palavras têm suas funções e usos determinados pelo falante, em suas práticas comunicativas, é o primeiro passo para compreendermos a língua enquanto instrumento de interação social. Defendemos esse pressuposto, no intuito de derrubar, por exemplo, preconceitos que surgem em função de desconhecimentos a respeito do que sejam língua, gramática e falante.

### Considerações Finais

Dado o que foi exposto neste artigo, concluímos que o verbo “dar” não pode ser tratado apenas como um elemento de única função, mas que pode assumir funções e sentidos variados, a depender das intenções comunicativas dos falantes. São esses, por sua vez, que determinam os verdadeiros usos desse tipo de verbo, evidenciando assim que os itens de uma língua estão a serviço da comunicação, portanto, a gramática, nessa perspectiva, deve ser concebida como uma atividade resultante da relação entre falantes/ouvintes e situações comunicativas. E é dessa interação que surgem as adaptações linguísticas, como a que está ocorrendo com o verbo “dar”, que, ao assumir novas funções, evidencia o fenômeno denominado de gramaticalização.

Na condição de professor, compreendemos que um fenômeno como esse deve ser abordado em sala de aula, no intuito de superar reproduções de noções tradicionais, prescritivas, e assim proporcionar ao aluno um conhecimento mais amplo e reflexivo sobre os fatos da língua, colaborando, dessa forma, para um ensino mais significativo e motivador.

### REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

CUNHA, M.A. F., SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ESTEVES, G. A. T.. **Construções com dar + Sintagma Nominal**: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. 2008. 334 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

GERALDI, J. W. et al. (Orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GONÇALVES, S. C. L. et al. **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 27 de setembro de 2016.

Aceito em: 07 de dezembro de 2016.